



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

UM CORPO NEGRO EM DIÁSPORA NA PRODUÇÃO DE UMA ATENÇÃO À SAÚDE FEMINISTA E ANTI-RACISTA

Autora: Lais Alves Porto

Instituto Guanabara portofonoaudiologa@gmail.com

Resumo: A produção de uma atenção à saúde orientada pelos princípios do feminismo e anti-racismo são ainda recentes nos domínios da teoria e da prática. Os estereótipos de gênero nas mulheres as desqualificam e inferiorizam nas atuações das relações familiares, sociais e de trabalho. Referente aos estereótipos atribuídos a mulher negra, em específico no âmbito do trabalho, são esperados que estas ocupem cargos de serviços domésticos ou que utilizem apenas a força braçal. Deste modo, percebe-se que a mulher negra profissional de saúde está em um local que sofre com opressões interseccionais de gênero e raça. Esta profissional em constante processo de descolonização e desconstrução pode produzir uma atenção à saúde que seja feminista e anti-racista, contudo ao mesmo tempo que tem consciência para não reproduzir intervenções danosas, passa por incessantes situações de opressões por permanecer em um lugar que não é destinado a uma mulher negra. O modo como as fonoaudiólogas negras irão exercer a prática profissional está profundamente relacionada à sua formação, aos espaços ocupados, assim como os não ocupados durante a graduação. A experiência de ser uma fonoaudióloga negra e atuar em especial na área de atenção à saúde mental traz à tona a necessidade de saber lidar com a dupla percepção, do fazer fonoaudiológico feminista e anti-racista, além de resistir as opressões sexistas e racistas. Sendo assim, identifica-se a necessidade de que estas profissionais de saúde ao cuidar de outras pessoas também possam ser cuidadas para prosseguir ativas nessa produção de saúde revolucionária.

Palavras-chave: feminismo, anti-racismo, atenção à saúde.

Durante a elaboração deste trabalho foi perceptível a escassez de material teórico na área da saúde que tenha trabalhado dialogando as formas de opressões, sexismo e racismo, tendo em vista o profissional de saúde, observou-se a existência de produções científicas que tratam do tema racismo apenas com o foco na população atendida na produção do cuidado. Com isso, inicialmente faz-se importante despertar o interesse para a

elaboração científica deste assunto que será abordado.

O objetivo desse trabalho é descrever teoricamente a percepção da experiência de ser uma fonoaudióloga negra atuante na área da atenção à saúde mental. Reconhecer as implicações da mulher negra com suas memórias e o seu corpo negro em diáspora, visando apresentar como está situada na relação e prática profissional. Deste modo, este trabalho



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Políticas da Cidade

trata-se de um estudo de caráter qualitativo, de natureza descritiva.

Para Collins (2016) existem duas razões importantes para as mulheres negras prosseguirem em realizar a auto avaliação, auto definição e também uma análise centrada na própria mulher negra, destaco a primeira razão, pois significa o ponto de partida para a escrita deste trabalho:

em primeiro lugar, definir e valorizar a consciência do próprio ponto de vista autodefinido frente a imagens que promovem uma autodefinição sob a forma de “outro” objetificado é uma forma importante de se resistir à desumanização essencial aos sistemas de dominação (Collins, 2016).

Por isto uma profissional de saúde negra estar produzindo academicamente sobre o local que está ocupando se faz necessário para a construção de novas e autorais narrativas negras.

A sociedade brasileira é machista, lgbtfóbica, e religiosa, sendo assim exclui qualquer condição de diversidade de gênero ou de opção sexual. Nesse sentido, essa sociedade baseia toda sua forma de existir nestas opressões, seja na relação profissional, familiar, amorosa ou de amizade. No que se refere a relação profissional a divisão sexual se faz presente visibilizando como

a sociedade lida com as questões reprodutivas e a produção do cuidar (FALEIROS, 2007).

No que se refere ao nível privado, para o gênero feminino cabem as funções de procriar, alimentar, lavar, socializar, cuidar e proteger. No mercado de trabalho são destinados, prioritariamente cargos como crecheiras, professoras, enfermeiras, assistentes sociais, nutricionistas, fonoaudiólogas. Ao contrário do gênero masculino, pois participam de todos os cargos de produção e direção (FALEIROS, 2007).

Quando racializamos esta divisão de gênero no que tange o campo do trabalho percebemos que para a mulher negra são destinados outros cargos ainda mais subalternos e inferiores do que em relação ao homem branco e a mulher branca, são serviços como cozinheira, faxineira, servente, cobradora de ônibus ou prostituta (GONZALEZ, 1980).

Dessa maneira identificamos que as relações raciais têm uma notória dimensão espacial, assim como as relações de gênero as quais são construídas em âmbitos espaciais predeterminados. Isso significa que os espaços privados e públicos são vivenciados de forma diferente e também desigual por homens e mulheres, qualificando uns de masculinos e outros de



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Políticas de Cuidado

femininos, e por negros e brancos (RATTS, 2003).

Reconhecemos que a mulher negra está posicionada em um lugar que sofre com o duplo fenômeno opressivo do racismo e do sexismo. Segundo Gonzalez (1980), o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Conclui-se que a junção com o sexismo produz efeitos muito mais violentos sobre a mulher negra. Assim sendo, tem-se no Brasil, essa relação de gênero e de raça que consolida uma determinada hierarquia, em primeiro lugar aparece o homem branco, em segundo a mulher branca, em terceiro o homem negro, e por último a mulher negra (RATTS, 2003).

Em vista disso, quando uma mulher negra ocupa um cargo profissional que não era destinado a ela a opressão racista e sexista se faz muito mais presente do que nos cargos que lhe são reservados no mercado de trabalho formal e informal. As profissões da área da saúde estão baseadas na ideia do cuidar do outro, logo são profissões atribuídas as mulheres, contudo são para as mulheres brancas, apenas as técnicas de enfermagem que são a base braçal do serviço que se reserva o campo para o trabalho das mulheres negras.

Uma mulher negra exercendo outra função na atenção à saúde que não

seja como técnica de enfermagem perturba a estrutura que está disposta na sociedade. Quando esta mulher negra tem a percepção de sua mobilização e comportasse de modo que favorece que essas estruturas balancem ainda mais, faz com que a visibilidade para ela aumente e a torna um alvo constante das opressões conjuntas, racismo e sexismo.

Em específico para a temática étnico racial temos que na área da saúde apenas durante a década de 90, devido uma grande pressão social, a discussão sobre raça reaparece como uma ferramenta analítica e de categoria política (CARNEIRO, 2015). Atualmente a única política pública que elucida sobre racismo e formas de combatê-lo na esfera da atenção à saúde pública é a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN) que em 2019 completará 10 anos de oficializada (LÓPEZ, 2012).

Essa breve contextualização demonstra que em relação ao apoio institucional existe uma indiligência para com a temática étnica racial e em específico a opressão racial. Desta maneira a profissional de saúde que se propõem exercer uma prática de saúde anti-racista precisa buscar outras bases teóricas e alinhar a sua prática corriqueira. Visto que ainda necessita encontrar dentro da sua área de atuação



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Relações de Gênero

suporte para uma execução anti-racista.

Temos que evidenciar que para a profissional de saúde ter a perspectiva de construir uma prática em saúde feminista e anti-racista ela precisa ter iniciado e estar no constante processo de desconstrução e descolonização da mente. Desconstrução no que se refere a prática feminista e descolonização para a prática anti-racista. Por serem opressões diferentes terão modos para combatê-los distintos, logo a profissional de saúde precisa interlaçar conceitos e ações que possam dar conta de uma produção do cuidado que não reproduza tais opressões e que não seja danosa.

A interseccionalidade é uma ferramenta teórico-metodológica utilizada principalmente pelas mulheres negras e/ou pesquisadoras feministas que revelam os processos de interação entre as relações de poder como classe, gênero e raça seja nos contextos individuais ou coletivos (RODRIGUES, 2013). Este passa a ser o termo que muitas ativistas utilizam para caracterizar a sua prática de vida incluindo a profissional, além de denominar uma potente produção científica que na área da saúde ainda precisa conquistar e solidificar o seu espaço.

Para chegar neste modelo de atuação a profissional precisa ter vivenciado espaços que tenham possibilitado a

compreensão dessa interseccionalidade, porém visto que é uma mulher negra existem determinados espaços que lhe são impedidos de ser ocupados, desta forma desde o período da formação acadêmica esta mulher está em constante movimento para construir a sua própria reconstrução que viabilize se proteger da violência sexista e racista em todos os ambientes e também a de conseguir produzir uma saúde feminista e anti-racista.

A prática fonoaudiológica no atendimento a pacientes com deficiência intelectual no campo da saúde mental não é restrito apenas as ações de reabilitação neurológica, a promoção de saúde também precisa ser valorizada nesses espaços. Uma vez que a maioria da população atendida é de jovens negros, a profissional de saúde na realização de uma prática anti-racista pode possibilitar o processo de descolonização da mente com estes usuários do serviço, além de oportunizar o empoderamento, principalmente das jovens mulheres negras.

Juntamente com a produção do cuidado anti-racista e feminista para com os usuários tem também a relação no ambiente de trabalho com os outros profissionais sejam da área da saúde ou da área da organização e limpeza do ambiente que se trabalha. Uma estratégia cabível de



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Políticas da Saúde

ser realizada é a viabilização de espaços de formação para estes profissionais para que posteriormente possam também produzir um atendimento que não reproduza o racismo nem sexismo para com os usuários.

À vista disto, é perceptível que pode existir uma sobrecarga para esta profissional de saúde, pois ao ter a percepção e tentar produzir uma atenção à saúde não preconceituosa acaba acumulando algumas responsabilidades além do atendimento a questões exclusivas da fonoaudiologia. No entanto, durante essa caminhada é possível identificar mudanças no local de trabalho, na relação com os usuários, e na própria pessoa que está oportunizando esta movimentação dentro da saúde.

Zanetti e Sacramento (2010) destaca que cada sujeito acaba criando suas próprias estratégias para lidar com situações de discriminação. O modo que é escolhido para enfrentar o racismo e o sexismo estão diretamente ligados a dois aspectos: à construção de identificação positiva pelo indivíduo e às suas possibilidades de socialização, informação e inserção na sociedade. Contudo deve-se ressaltar que nem todas as estratégias podem ser saudáveis e benéficas para o indivíduo, neste sentido a profissional de saúde negra que realiza esta atuação de ativista necessita também cuidar-se

nos níveis da saúde física, mental e espiritual.

Reconheço que estar presente neste ambiente como um corpo negro com as memórias despertas para o sentido de estar em diáspora faz com que a atuação para com o outro e para consigo seja ainda mais cuidadosa. Deste modo, o fato de estar trabalhando no campo da saúde mental torna imprescindível o cuidado com si mesma, seja por ações próprias ou ações de outros profissionais de saúde qualificados para tal como, terapia psicológica ou terapias alternativas.

O processo de produção do cuidado para uma atenção à saúde anti-racista e feminista é contínuo, estar em movimento seja na construção e enriquecimento teórico e viabilizando experiências na prática profissional se faz essencial, também é preciso construir narrativas escritas, academia e científica sobre esse fazer em saúde para que possa servir de estímulo a novos profissionais, além de possibilitar uma releitura aos profissionais que já estão inseridos no mercado de trabalho a mais tempo e não teve a oportunidade de participar deste debate durante a formação acadêmica.

Referências:

CARNEIRO, Rosamaria. O Peso do Corpo



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

Negro Feminino no mercado da saúde: mulheres, profissionais e feministas em suas perspectivas. Mediações, Londrina, v. 21 n. 2, p. 394-424, jul/dez. 2017.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. Revista Sociedade e Estado. V 31. N 1. Janeiro/Abril 2016.

FALEIROS, Eva. Violência de gênero. In: TAQUETTE, Stella R. (Org.). Violência contra a mulher adolescente/jovem. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007. p.61-67.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: Encontro Anual da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. IV. 1980, Rio de Janeiro. p. 223-245.

LÓPEZ, Laura Cecilia. O conceito de racismo institucional: aplicações no campo da saúde. Interface - Comunic., Saude, Educ., v.16, n.40, p.121-34, jan./mar. 2012.

RATTS, Alecsandro JP. Gênero, raça e espaço: trajetórias de mulheres negras. In: Encontro Anual da ANPOCS, XXVII. 2003, Minas Gerais.

RODRIGUES, Cristiano. Atualidade do conceito de interseccionalidade para a pesquisa e prática feminista no Brasil. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero. 10. 2013, Florianópolis.

ZANETTI, Julia; SACRAMENTO, Mônica. Jovens negras: ressignificando pertencimentos, construindo práticas. In: WERNECK, Jurema. Mulheres negras: um olhar sobre as lutas sociais e as políticas públicas no Brasil. Rio de Janeiro, Criola, 2010.